

**AGRICULTURA CAMPONESA E AGROECOLÓGICA,
ALIMENTANDO A R-EXISTÊNCIA PARA ALÉM DA PANDEMIA**

**PEASANTRY AGRICULTURE AND AGROECOLOGY FEEDING
THE R-ESISTANCE FOR BEYOND THE PANDEMIC**

**AGRICULTURA CAMPESINA Y AGROECOLÓGICA,
ALIMENTANDO LA RE-EXISTENCIA MÁS ALLÁ DE LA
PANDEMIA**

Fernanda Keiko Ikuta¹

fkikuta@unicentro.br

Mariana Nunes Candido²

mnc.mariana@gmail.com

Giovanna Meneghini³

giovanna.meneghini17@gmail.com

Cesar Renato Ferreira da Costa⁴

professorcesarrenato@hotmail.com

Marcelo Barreto⁵

marcelosp83@gmail.com

Jorge Luiz Favaro⁶

jorgelfavaro@uol.com.br

Antônio João Hocayen da Silva⁷

ahocayen@unicentro.br

Paola Karoline Swenar Auceli⁸

pkswenar@gmail.com

¹ Professora do Curso de Geografia da Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO/Irati-PR). Coordenadora do grupo de pesquisa Coletivo de Estudos e Ações em Resistências Territoriais no Campo e na Cidade (CERESTA), coordenadora pedagógica do Projeto de Extensão Universitária Feira Agroecológica (UNICENTRO) e membra: do Núcleo Multidisciplinar de Estudo em Agroecologia e Produção Orgânica (NEA); do Observatório da Questão Agrária no Paraná e do Centro de Estudos de Geografia do Trabalho (CEGeT).

² Mestra em Desenvolvimento Comunitário pela Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO); Integrante do Coletivo de Estudos e Ações em Resistências Territoriais no Campo e na Cidade (CERESTA).

³ Acadêmica do curso de Psicologia da Universidade Estadual do Centro-Oeste (Unicentro/Irati-PR). Bolsista do Projeto de Extensão Universitária Feira Agroecológica(Unicentro).

⁴ Professor do Departamento de Administração da UNICENTRO/campus Irati. Integrante do Projeto de Extensão Universitária Feira Agroecológica da UNICENTRO.

⁵ Professor do Departamento de Geografia da UNICENTRO/campus Irati. Integrante do Projeto de Extensão Universitária Feira Agroecológica da UNICENTRO.

⁶ Professor do Curso de Agronomia e do Mestrado em Ciências Veterinárias da Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO/Guarapuava-PR). Coordenador do Projeto de Extensão Universitária Feira Agroecológica e do Núcleo Multidisciplinar de Estudo em Agroecologia e Produção Orgânica (NEA), ambos vinculados à UNICENTRO.

⁷ Doutorado em Administração pelo Programa de Mestrado e Doutorado em Administração – PMDA da Universidade Positivo/UP. Professor Adjunto C no Curso de Administração na Universidade Estadual do Centro-Oeste – UNICENTRO/Campus Irati. Atuação em pesquisas sobre Formas Não Convencionais de Organização, Cooperativismo e Associativismo e Organização em Comunidades Tradicionais.

⁸ Bolsista do Projeto de extensão Feira Agroecológica (UNICENTRO/Guarapuava). Aluna do curso de Medicina Veterinária.

RESUMO:

O presente texto tem como objetivo refletir sobre os desafios impostos pela pandemia do coronavírus para a experiência do projeto de extensão “Feira Agroecológica” da UNICENTRO. Neste sentido, busca compreender o papel das famílias camponesas, da extensão universitária e de outras formas de r-existência na construção de um projeto de sociedade que possa transpor a crise civilizatória fomentada pelo capitalismo neoliberal. A pandemia se sobrepõe às desigualdades históricas e estruturais fazendo remontar sobre os mais vulneráveis, múltiplas ameaças, todavia, a reinvenção das práticas camponesas agroecológicas, somada à solidariedade entre campo e cidade, anunciam os limites desta sociedade pautada na destruição e, portanto, a necessidade de olhar e projetar para além desta pandemia.

PALAVRAS-CHAVE: Agroecologia, projeto de extensão universitária, resistência.

ABSTRACT:

The present text aims to reflect about the challenges imposed by the Coronavirus pandemic to the experience of UNICENTRO’s “Agroecological Fair” Extension Project. On this way, it aims to comprehend the whole played by the agroecologists, university extension and other forms of r-esistance subjects for the construction of a society project that can transpose the civilization crisis fomented by the neoliberal capitalism. The pandemic overlaps historical and structural inequalities, making it relapse on the most vulnerable subjects; in which leads to multiple threats. However, the reinvention of the peasant’s agroecological practices, added to the solidarity between the countryside and the city, announces the limits of this society, guided by destruction. Therefore, it is necessary to look and to protrude for beyond this pandemic.

KEY WORDS: Agroecology; university extension project; resistance.

RESUMEN

El presente texto tiene como objetivo reflexionar sobre los desafíos impuestos por la pandemia del coronavirus para la experiencia del proyecto de extensión “Feria Agroecológica” de UNICENTRO. En este sentido, busca comprender el papel de las familias campesinas, de la extensión universitaria y de otras formas de re-existencia en la construcción de un proyecto de sociedad que pueda transponer a la crisis de civilización fomentada por el capitalismo neoliberal. La pandemia se sobrepone a las desigualdades históricas y estructurales sobrecargando a los más vulnerables, múltiples amenazas, todavía, la reinención de las prácticas campesinas agroecológicas, sumada a la solidaridad entre campo y ciudad, anuncian los límites de esta sociedad marcada en la destrucción así como la necesidad de mirar y proyectar más allá de esta pandemia.

PALABRAS LLAVE: agroecología, proyecto de extensión universitaria, resistencia

INTRODUÇÃO

O objetivo deste texto é apresentar alguns apontamentos e reflexões iniciais sobre como a agricultura camponesa e agroecológica está enfrentado os desafios impostos pela conjuntura de pandemia por Covid-19 a partir da experiência de reorganização do trabalho, tanto das agricultoras e agricultores, quanto dos(as) pesquisadores(as) e extensionistas do projeto de extensão universitária “Feira Agroecológica” realizado nos três *campi*

(CEDETEG, Santa Cruz e Irati) da Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO) nos municípios de Guarapuava e Irati, interior do Paraná. Tais apontamentos têm como ponto de partida nossa vivência e interação dialógica com as famílias camponesas e os consumidores do referido projeto.

A partir desta experiência extensionista e as reformulações por ela assumida a partir do isolamento social decorrente do novo Coronavírus, buscamos compreender o papel da agricultura familiar camponesa e dos povos tradicionais não apenas na produção de alimentos saudáveis, mas enquanto parte da construção de um projeto de sociedade que demonstra ser capaz de dar as respostas emergenciais e adequadas que o cenário atual nos exige.

Cabe contextualizar ao leitor, ainda que brevemente, quem são os sujeitos e o território de atuação do projeto. Em Guarapuava, temos feirantes camponeses, indígenas e quilombolas e em Irati também há famílias camponesas e uma família de origem faxinalense. O território do qual esses agricultores fazem parte, está marcado pela presença de famílias agricultoras envolvidas em sistemas mercantis contaminantes, degradantes e subordinantes via a produção de tabaco, milho, feijão, soja, plantio industrial de pinos e/ou eucalipto e criação de aves de corte, suínos e bovinos. Na escala local, os sujeitos aqui em foco enfrentam esses conflitos, além de processos de criminalização originados na escala nacional: nos referimos à ação da Polícia Federal, em âmbito de inquérito policial que, no ano de 2013, decretou a prisão preventiva e busca e apreensão de bens e documentos de vários agricultores e funcionários públicos, dentre eles, no âmbito do território em questão, agricultores da Associação dos Grupos de Agricultura Ecológica São Francisco de Assis (ASSIS)⁹. Essa ação ficou conhecida como operação agro-fantasma e o inquérito foi para o judiciário e em dezembro de 2016 inocentou os agricultores indiciados, mas deixou a organização coletiva desestruturada a ponto de vários agricultores retomarem a produção convencional do tabaco (PIMENTEL, 2020), submetendo-se à cadeia de degradação e subordinação da indústria fumageira, enquanto outros, também foram obrigados a se sujeitarem ao precário universo dos contratos temporários no campo ou do assalariamento na cidade.

Sobrepondo este contexto, ao olhar para a classe trabalhadora do campo e da cidade, os sujeitos que mais sofrem os impactos do Covid-19, conseguimos também apreender que

⁹ A ASSIS desenvolvia, desde 2004, trabalhos de organização e formação de agricultores, produção e distribuição de alimentos ecológicos e preservação do meio ambiente. A formação da associação foi fruto do Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) e abrangia quatro municípios da região Centro-Sul: Irati, Teixeira Soares, Inácio Martins e Fernandes Pinheiro.

esta pandemia escancara uma crise que é sistêmica e civilizacional, pois se sobrepõe às desigualdades históricas e estruturais fazendo remontar sobre os mais vulneráveis, múltiplas ameaças: o vírus; a fome; a falta de água, de saneamento básico, de moradia; o desemprego ou o trabalho informal desprovido de previdência social e do conjunto de direitos trabalhistas; assim como várias outras formas de violência em que estão submetidos, como a expropriação de terra, o racismo, o genocídio.

As organizações populares, entre elas o movimento agroecológico, sempre se posicionaram no confronto com o projeto de sociedade regido pelo capitalismo neoliberal e seu modelo agrícola industrial e hoje renovam os seus repertórios de ações ao reinventar, tanto as formas de abastecimento de alimentos para a população urbana, com a reorganização da comercialização, como por meio da organizada e abundante solidariedade entre campo e cidade, com doações de alimentos (ROOS, 2020). Tal reinvenção, nos permite entender que as organizações assumem uma r-existência que aponta para além da pandemia. A denúncia do modelo de doença e morte do agronegócio precede o Coronavírus e este modelo já é apontado por pesquisadores sérios (DAVIS, et al, 2020; BOMBARDI e NEPOMUCENO, 2020; WALLACE e BOMBARDI *apud* REDAÇÃO RBA, 2020) como uma das causas da pandemia do Covid-19 e de outros vírus infecciosos que se propagaram pelo mundo nas últimas décadas.

É a partir desses pressupostos que voltamos nossos olhares para as famílias camponesas e tradicionais da agroecologia no interior do Paraná a fim de dar visibilidade para as especificidades de suas práticas e ações. Junto com a massa de trabalhadores urbanos desempregados ou precarizados, os agricultores familiares, camponeses e povos tradicionais estão entre a população mais impactada pelo Covid-19, mas são justamente eles que, uma vez mais, socializam os frutos do seu trabalho por meio da solidariedade entre campo e cidade (como veremos posteriormente) e são também as organizações populares e os movimentos sociais que anunciam os limites desta sociedade pautada na destruição e, portanto, a necessidade de olhar e projetar para além da pandemia.

A chegada do coronavírus traz à luz problemas e conflitos estruturais para o mundo do trabalho e para a natureza, cujos direitos já vinham sendo perdidos: “os efeitos da contaminação da COVID-19 [...] se sobrepõem à contaminação manipulatória intrínseca ao funcionamento da sociedade capitalista” (THOMAZ JÚNIOR, 2020, p.1).

Neste sentido, o artigo traz apontamentos iniciais que partem de uma realidade concreta e pontual da experiência a partir do projeto de extensão universitária Feira Agroecológica em Irati e Guarapuava, num esforço de leitura conjuntural que dialogue com outras escalaridades, mas conscientes da impossibilidade de esgotar o tema e as questões ainda em curso. Como metodologia para a construção do presente texto utilizamos: levantamento bibliográfico; observação participante realizada por meio de atividades de formação do próprio projeto, ocorridas antes do período de distanciamento social; e a vivência atual na reorganização *on-line* da ação extensionista que conta com uma permanente articulação e diálogo com as famílias de agricultores.

(RE)ORGANIZAÇÃO DAS ATIVIDADES DE PRODUÇÃO, COMERCIALIZAÇÃO E FORMAÇÃO PARA ENFRENTAR A PANDEMIA

De acordo com Porto (2020), a pandemia causada por COVID-19 intensifica injustiças e vulnerabilidades que marcam a modernidade capitalista e colonial, excludente, racista e patriarcal. Essa crise civilizatória tem suas bases na sobreposição de culturas, marcada por um processo violento que culminou na colonização de povos e saberes. Essa estrutura foi bem aproveitada pelo sistema capitalista que fomenta a invisibilidade de outras possibilidades de vida que escapem de sua matriz fundamentada na lógica de exploração da força de trabalho humana e espoliação da Natureza.

O autor aponta a necessidade da construção de conhecimentos interdisciplinares, metodologias colaborativas e diálogos interculturais que apoiem lutas sociais e processos emancipatórios por saúde, dignidade e direitos territoriais das populações dos campos e cidades na busca por justiça social e com implicações na construção de políticas públicas inclusivas e práticas democráticas junto aos movimentos sociais.

A modernidade como a conhecemos não apontou saídas para os problemas que enfrentamos enquanto sociedade, ao contrário, em meio a essa pandemia, reforçou e intensificou injustiças sociais, sanitárias e ambientais que já existiam, tornando mais evidentes ideologias, manipulações e interesses. Por conta disso, é urgente a necessidade de conceber essa crise civilizatória de uma maneira complexa e multidimensional, que evidencie a importância de se pensar outras possibilidades de organização social levando em consideração a vida, a dignidade e as diversidades de culturas que acompanham diferentes territórios.

Em seus territórios, as famílias agricultoras, com diferentes níveis organizativos e com uma variedade de estratégias, apontam de forma contundente que compreendem suas práticas agroecológicas como parte da construção de um outro modelo, não só de agricultura, mas também de sociedade¹⁰. E, ainda que direta e fortemente impactadas, essas famílias se reorganizaram para enfrentar a pandemia que multiplica seus desafios históricos e estruturais. No caso apresentado no presente texto, os participantes do projeto de extensão universitária Feira Agroecológica da UNICENTRO também se reorganizam e se somam a este enfrentamento,

Antes de relatarmos esse processo de reorganização das atividades de produção, comercialização e formação, cabe apresentar o referido projeto de extensão para que se compreenda o ponto de partida que contextualiza este relato e análise (considerando os limites da recente conjuntura) de experiência.

O projeto de extensão da Feira Agroecológica da UNICENTRO acontece há 11 (onze) anos no município de Guarapuava e há 6 (seis) anos em Irati, nos três *campi* em que a universidade se faz presente e na Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR) de Guarapuava e no Instituto Federal do Paraná (IFPR) de Irati. O projeto é formado por uma equipe acadêmica multidisciplinar e por famílias, de agricultoras e agricultores com produção agroecológica (quilombolas, indígenas, pequenos produtores e camponeses do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra). Desde diferentes frentes como as formações que criam espaços de diálogo, troca de experiências e construção horizontal e coletiva de conhecimento, a difusão de procedimentos e técnicas que estimulam e possibilitam o fazer agroecológico e no atual cenário de pandemia, o uso da tecnologia para criar pontes entre os alimentos cultivados pelas famílias camponesas e o acesso de alimentos por parte das famílias urbanas, buscando viabilizar alternativas para as questões que acompanham o atual momento.

Os objetivos principais do projeto são: promover a comercialização de alimentos agroecológicos e produtos artesanais produzidos pelas famílias camponesas locais; e

10 Esse posicionamento foi observado, antes do período de distanciamento social, em diferentes momentos e depoimentos de algumas(ns) agricultoras(es) nas reuniões semanais do projeto e em atividades de debate promovidas pelo próprio projeto da Feira: as *Rodas de Mate e Debate*, que são regidas por uma metodologia participativa capaz de promover o diálogo horizontal entre agricultores, universidade e comunidade externa. Essa atividade, que ocorria com frequência bimestral, foi paralisada com a pandemia, todavia, seguimos mantendo o diálogo semanal com os agricultores por meio de contato telefônico, grupo de whatsapp e reuniões *on-line* mensais para avaliação.

possibilitar o diálogo e troca de saberes entre a universidade e a comunidade. Entre Guarapuava e Irati, no total, são cinco feiras que acontecem duas vezes por semana e oferecem alimentos frescos, da época, sem agrotóxicos, livres de transgênicos e com preço justo. Articulados no Núcleo Multidisciplinar de Estudo em Agroecologia e Produção Orgânica (NEA¹¹) e com outros projetos e programas de extensão e parcerias, essa ação extensionista, que atua tanto na comercialização como na formação (dentro e fora da universidade), consegue impactar produtores, consumidores, alunos e a agrobiodiversidade local.

No que respeita aos produtores, o projeto tem cerca de 30 (trinta) feirantes (entre pequenos agricultores, camponeses, indígenas, quilombolas e artesões locais), em sua maioria mulheres, que garantem a comercialização da sua produção e uma renda semanal. Essas famílias têm acesso à certificação gratuita de sua produção e cozinhas pelo Programa Paraná Mais Orgânico, que é parceiro do projeto. Em 2019, inauguramos o Laboratório de Homeopatia para atender à produção animal e de hortaliças e também acumulamos a experiência do fomento de um Banco de Sementes e de um Centro de Produção de Frutas Orgânicas.

Aos consumidores, o projeto viabiliza o acesso semanal a alimentos saudáveis e frescos; o conhecimento da origem e qualidade dos produtos ao fazer a compra diretamente do agricultor; e um preço justo porque na feira não tem atravessadores.

Aos alunos e alunas, a participação no projeto oferece uma formação mais ampla ao envolvê-los em atividades que articulam a extensão, a pesquisa e o ensino. A saber: vivência dos problemas da comunidade e busca conjunta de soluções e aplicação das técnicas e conhecimentos aprendidos em sala de aula.

A agrobiodiversidade local também é favorecida uma vez que ao fortalecer a agricultura agroecológica se contribui para a manutenção sustentável da biodiversidade de sementes e diversas espécies vegetais; ao não desmatamento e poluição do ar; e ao não contaminar com agrotóxicos a água que a população beberá em suas casas.

O sistema de feira que o projeto desenvolve possibilita tanto a aquisição de alimentos saudáveis e de qualidade quanto as relações próprias do ser humano e as trocas de saberes.

11 NEA-UNICENTRO/CNPq (Chamada N° 21/2016 - Linha 1: Criação de Núcleo de Estudo em Agroecologia e Produção Orgânica - NEA), por meio dos quais oferece assistência técnica aos agricultores, como a certificação orgânica, laboratório de homeopatia e produção de mudas e sementes.

Trocas estas, viabilizadas por meio de cursos de formação, pelo evento denominado “Roda de Mate e Debate” e pelas Oficinas nas Escolas. A necessidade de (re)pensar essa organização surge em função do contexto de pandemia onde o aumento de cuidados é essencial em diferentes contextos. Neste cenário, as feiras livres, que antes tinham como elemento a proximidade entre as pessoas, passam a ter o distanciamento social como componente relevante.

A extensão universitária, exerce papel importante na comunidade, especialmente em condições de vulnerabilidade. Para além da prestação de serviço, as atividades extensionistas fortalecem a produção de alimentos das famílias camponesas locais. A falta de extensão universitária, denota em muitos casos, que a atividade não será preenchida pelos beneficiados, e muito menos por uma ação pública do Estado.

Para evitar esta lacuna e a partir do que entendemos como papel da universidade, foi necessário repensar e recriar formas para viabilizar sua ação, de modo a permitir que os alimentos saudáveis produzidos pelas famílias camponesas agroecológicas do projeto continuassem a chegar a diferentes lares. Além disso, a mudança da feira acompanha a necessidade de garantir o escoamento da produção e a renda das famílias, sendo que nesse sentido o papel dos consumidores se faz fundamental para fortalecer os agricultores locais e possibilitar sustentabilidade e resiliência socioecológica (ALTIERI; NICHOLLS, 2020).

A garantia de alimentos de qualidade para os consumidores e de trabalho e renda para as famílias produtoras configura-se como uma das maneiras de pensar saúde física e mental em tempos tão difíceis. Antes da necessidade do isolamento social as feiras aconteciam todas as terças e quintas-feiras em Guarapuava, nos campi Santa Cruz e CEDETEG da UNICENTRO e na Universidade Federal Tecnológica do Paraná (UTFPR). Já, no município de Irati a Feira acontece sempre às quintas-feiras na UNICENTRO e no Instituto Federal do Paraná (IFPR). Porém, por conta do período de quarentena houve a necessidade de aprimoramento dos sistemas de comercialização.

Cada equipe acadêmica, a de Guarapuava e a de Irati, em ação dialogada com os agricultores, construiu sua forma de reorganização da comercialização em consonância às decisões do Conselho de Ensino e Pesquisa e Extensão (CEPE), do Conselho de Administração (CAD) e da Comissão de Acompanhamento e Controle de Propagação do Corona vírus (Covid19) da UNICENTRO.

Em Guarapuava, a oferta dos alimentos é realizada via whatsapp e entregue em um único dia, em local e hora agendada, obedecendo as normas da comissão de acompanhamento da pandemia da universidade. Optou-se por oferecer dois tipos de sacolas fechadas (uma grande e uma pequena), ou seja, a escolha dos produtos fica a critério dos agricultores conforme sua disponibilidade. Os pedidos são organizados pelos bolsistas e repassado aos feirantes, que, por sua vez, fazem a entrega aos consumidores, com o apoio de uma bolsista, de professores do projeto e parceiros. A equipe de Guarapuava valoriza a iniciativa dos agricultores de constante fornecimento de hortaliças não convencionais, proporcionando ao consumidor a descoberta e o uso de novos alimentos. Para potencializar esse processo educativo de incentivo ao consumo dessas plantas alimentícias não convencionais, são entregues ao consumidor sugestões de receitas.

Figura 1 - Agricultora produzindo pães com farinha orgânica em Irati.



Foto: Elenice dos Santos

Figura 2 - Sacolas de alimentos agroecológicos para a entrega em Guarapuava



Foto: Paola Karoline Swenar Auceli.

No caso de Irati, a oferta de alimentos ocorre via internet, permitindo que os consumidores montem suas sacolas *on-line*, para serem retiradas em locais e horários específicos, conforme a descrição a seguir.

Após a universidade suspender as atividades presenciais de aglomeração, entre elas a feira, a primeira medida tomada foi emergencial e com pouco processo organizativo. Reuniram-se alguns atores extensionistas, tanto do Projeto, quanto de fora dele, visto que o grupo que compunha tal atividade havia se dispersado por conta do isolamento social.

Neste sentido, houve, junto às famílias de agricultores a proposta de se fazer encomendas por meio das redes sociais, utilizando os recursos da internet, que estruturaria o contato e relação entre essas famílias e possíveis consumidores. Assim que as famílias tomaram conhecimento da proposta, se colocando disponíveis e capazes de atendimento dessas encomendas, se iniciou a primeira campanha de Feira Agroecológica *On-line* por meio da criação de um formulário de vendas¹².

Foram produzidos nesta ordem, uma lista de produtos a serem oferecidos pelos agricultores e um “banner eletrônico” o qual, junto com uma convocação para consumir os



12 As sacolas podem ser montadas através do link: <https://form.jotform.com/201167116082042>.

produtos da Feira, foi disseminado a um maior número de possíveis consumidores, especialmente pela via de aplicativo de mensagens instantâneas.

Também pelo mesmo aplicativo, foi disponibilizado um contato, onde os consumidores poderiam registrar os itens que comporiam sua encomenda, sendo esses listados e transferidos aos agricultores, a fim de que pudessem ser organizados para entrega em data e local definido. Sobre essas condições, os agentes de apoio, que organizavam a estrutura da ação, fizeram contato o Sindicato dos Trabalhadores em Educação Pública do Paraná (APP Sindicato), que tem sua sede localizada na região central da cidade, solicitando que fossem cedidos seu espaço físico, de onde se estabeleceria a base de entrega das encomendas realizadas.

Em função dos riscos de contágio que a pandemia do coronavírus apresenta, ainda foram solicitadas, ao Setor de Ciências da Saúde da UNICENTRO, instruções (Figura 3) de como agir, movimentar e manusear produtos da Feira, para garantir segurança e tranquilidade no momento da entrega dos produtos aos consumidores.

Figura 3: Orientações do Setor de Ciências da Saúde (UNICENTRO/Irati e Guarapuava) para a produção e comercialização durante a pandemia

 <p>Caras agricultoras e agricultores,</p> <p>Neste momento de pandemia por coronavírus, é importante que se estabeleçam padrões de segurança alimentar, que garantem que os alimentos não causarão riscos ao consumidor. Por isso, seguem algumas das principais orientações a vocês, durante a manipulação e entrega dos alimentos:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Higienizar frequentemente as mãos com água e sabão. Lavar bem as palmas e as “costas”, entre os dedos, os polegares, embaixo das unhas (que devem estar curtas) e os punhos. O ideal é enxugar as mãos em toalhas de papel, que podem ser utilizadas para fechar a torneira. - Não levar as mãos ao rosto; - O álcool em gel não substitui a lavagem das mãos, mas é um complemento importante. Por isso, utilize-o frequentemente também. - Ter cuidado ao manipular e transportar os alimentos. Isso inclui como principais cuidados: lavar as mãos sempre imediatamente antes ou após de manipular os 	 <p>Caro consumidor,</p> <p>Para sua segurança, neste momento de pandemia do Coronavírus, estamos tomando medidas de higiene redobradas durante a manipulação, transporte e entrega dos alimentos. Nossos procedimentos atuais incluem higienização frequente das mãos e limpeza complementar com álcool em gel, higienização frequente dos utensílios utilizados, transporte cuidadoso e mínimo contato possível com os alimentos. Além disso, durante a ENTREGA manteremos DISTANCIAMENTO de 1,5 m dos consumidores e NÃO teremos qualquer tipo de AGLOMERAÇÃO de pessoas no local.</p> <p>Seguem, ainda, algumas orientações para serem tomadas por você após a entrega dos alimentos:</p>
---	--

<p>alimentos; não falar, tossir, pigarrear ou espirrar próximo aos alimentos; manter os cabelos presos; não usar anéis, pulseiras e relógios ao manipular os alimentos; tocar nos alimentos somente o necessário; não levar as mãos à boca ou nariz enquanto manipula os alimentos; não deixar os alimentos expostos próximos às pessoas; ter cuidado especial com as caixas plásticas, carrinhos e outros utensílios utilizados para transporte, que devem ser higienizados com água e sabão.</p> <p>- Ter cuidado ao entregar os alimentos. Isso inclui manter distanciamento de 1,5 metros das pessoas, não havendo nenhum contato físico (aperto de mão, etc). Após o manuseio de dinheiro e (ou) cartão/máquina, lavar imediatamente as mãos. A entrega deve ser feita da agricultora para o consumidor, individualmente, evitando-se qualquer tipo de aglomeração no local de entrega. Ter o menor contato possível com as sacolas, manuseando-as somente nos momentos exatos de entrega.</p> <p>Setor de Ciências da Saúde (UNICENTRO/Irati e Guarapuava)</p>	<p>- Ao chegar em casa, descarte as sacolas plásticas utilizadas durante o transporte e higienize imediatamente as mãos;</p> <p>- Mantenha os alimentos cobertos, não deixando-os expostos próximo à circulação de pessoas;</p> <p>- Higienize adequadamente os legumes e verduras, utilizando solução clorada (1 colher de sopa de água sanitária para 1 litro de água) e deixar de molho por 15 minutos. Após, enxaguar em água corrente.</p> <p>Pela vida, vá de máscara!</p> <p>Setor de Ciências da Saúde (UNICENTRO/Irati e Guarapuava)</p>
---	--

Após a primeira campanha, ocorrida com sucesso, pela efetivação de vinte encomendas de produtos agroecológicos por parte dos consumidores, pode-se organizar melhor a equipe da Feira, e dali em diante as atividades foram se ajustando, organizadas em seis etapas, desde o início até a entrega das encomendas. Estas etapas são descritas da seguinte forma:

- Inicialmente se organiza a lista de produtos disponíveis para serem oferecidos a cada semana. Isto acontece por meio do fornecimento da lista de produtos por parte de cada agricultor. Posteriormente separam-se por tipo de produto, como “leguminosas”, “tubérculos”, “frutas”, “panificados” etc.;
- Após, se redige a tabela de produtos com respectivos preços, assim como, um cartaz complementar fazendo um chamamento aos consumidores;
- Posteriormente, estes instrumentos são divulgados pela mídia, por aplicativo de mensagens instantâneas e pelo e-mail institucional da UNICENTRO, convidando os consumidores a fazerem seus pedidos;
- Conforme os consumidores vão fazendo os pedidos pela internet, se organiza a lista parcial de pedidos, sendo a mesma informada aos agricultores em dois momentos: o primeiro, três

dias antes da entrega e outro, com a lista final, dois dias antes da entrega. Isso acontece para que os agricultores possam se organizar e levarem seus produtos;

- No último dia de encomendas da semana, uma lista definitiva de pedidos por consumidor, assim como, uma lista de produtos por família de agricultores é expedida e enviada aos mesmos;

- Por fim, estes organizam as encomendas, entregando as sacolas já prontas a cada consumidor no dia informado nos cartazes de comunicação da Feira. A retirada dos alimentos pelos consumidores é realizada de forma a reduzir as possibilidades de contágio: as sacolas já estão prontas e o consumidor tem o intervalo de 2 horas para retirá-las.

Para ampliar o acesso a esses alimentos, recentemente também está sendo ofertada a possibilidade de entregas das sacolas em domicílio.

Até o momento do fechamento deste artigo, a Feira realizou 12 (doze) campanhas semanais de vendas *on-line*. Estas campanhas atenderam (e vêm atendendo) não só consumidores interessados em adquirir alimentos das famílias de agricultores e agricultoras agroecológicas, mas também pessoas físicas que procuram fazer doações. As doações acontecem por meio de campanhas de solidariedade que são organizadas por agentes parceiros da Feira, como representantes de movimentos sociais e de outros projetos da UNICENTRO em Irati. Neste sentido, a comercialização da Feira também vem se constituindo como um canal de vendas para doações às famílias vulneráveis.

Figura 4 - Momento de organização do espaço para entrega das sacolas agroecológicas em Irati



Foto: Antônio Hocayen.

Ao analisarmos esse processo, entendemos essa nova organização como uma das formas de resistência da agroecologia, primeiro, frente às injustiças e vulnerabilidades impostas pelo sistema capitalista e somado a isso, frente ao contexto pandêmico.

Estas adaptações são acompanhadas de um processo de constante avaliação e reflexão das práticas adotadas por meio de reuniões entre equipe acadêmica e agricultores, além de consulta aos consumidores através de questionário. A mudança para a “feira *on-line*”, ampliou as formas de divulgação, de modo que mais pessoas puderam ter acesso aos saberes e a luta da agroecologia, bem como aos alimentos que garantem saúde e diversidade para a mesa das famílias.

Vale ressaltar ainda que a nova demanda gerada pela pandemia, estreitou a interlocução entre os participantes do projeto de Guarapuava e Irati. Reuniões, embora virtuais, com o intuito de fortalecer e (re)criar táticas de enfrentamento à crise conjuntural, têm articulado, de forma mais intensa, os feirantes e as equipes acadêmicas. Os momentos de estudo (leitura e debate teórico) também passaram a ser conjuntos, isto é, a reunir as equipes dos dois municípios. A realização de debates *on-line*¹³ que promovam o diálogo com

13 No dia 19 de junho de 2020, realizamos uma roda de conversa *on-line* intitulada “O papel da extensão universitária em Agroecologia: balanço e perspectivas”, com a participação de Leonardo Melgarejo, que é

experiências de outras universidades e entidades, soma-se a esse esforço para também reorganizar os processos formativos (mesmo que de maneira muito mais precária e incomparável às trocas presenciais).

Ainda no que respeita à comercialização, com a referida reformatação, observamos, enquanto equipe acadêmica, tanto em Guarapuava como em Irati, o aumento e a adesão de novos consumidores a cada semana, dado este que é confirmado pela agricultora T (jun. 2020): “acho que é uma nova experiência para nós e que devemos continuar divulgando a feira e to vendo que ta tendo bem mais gente pegando sacola, aceitando essa ideia.”

Em Irati, a maior adesão da população também pode estar associada a mudança do local de entrega da sacola, para um espaço mais central da cidade¹⁴. A agroecologia enquanto campo de constantes disputas, é periférica, ocupar um espaço central na cidade é uma forma de resistência, ocupar novos espaços, expandir seus saberes, seus alimentos, trazer a discussão do consumo consciente e de alimentos sanos. Assim, expandir o campo físico da comercialização agroecológica também é expandir seu campo de discussão e divulgação, é resistir. A mudança de local foi bem aceita por consumidores(as) e agricultores(as), de modo que é consenso, pensando o pós-pandemia, manter, concomitante às feiras presenciais, as vendas *on-line* com entrega no centro da cidade.

Em um panorama de avaliação dos(as) consumidores(as), que aconteceu através de um questionário criado pela equipe acadêmica e aplicado via internet, o atual sistema de comercialização (encomendas *on-line*) foi descrito como seguro, higiênico e bem organizado. Ademais das questões que dizem respeito a esse momento peculiar que representa a pandemia, o alimento de verdade, fresco, sem veneno e variado, traz consigo outras dimensões, evidenciando o ato de comer como social e político por envolver a forma de cultivo desses alimentos, cultural no que diz respeito à noção de patrimônio alimentar e ético no sentido de que os animais e plantas merecem uma existência digna.

Alguns relatos demonstram que esse tipo de reflexão se faz presente entre consumidores da feira. Um(a) consumidor(a) relata que sente “que é uma forma de consumir de forma mais consciente. Gosto muito de poder comprar diretamente com os produtores,

professor da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e pesquisador da Assoc. Brasileira de Agroecologia e do Movimento Ciência Cidadã.

14 O campus da UNICENTRO em Irati fica localizado no bairro Riozinho, e se encontra a 7km do centro da cidade.

é uma relação que não estabeleço em nenhum outro meio de compra.” (jun. 2020). Outro (a) consumidor(a) diz estar

Muito satisfeita em poder consumir algo de qualidade e ofertar a minha família um alimento sano, e ainda contribuir para a manutenção ou fortalecimento do trabalho e disposição dos pequenos e firmes das mulheres, homens e suas famílias que sustentam a agricultura familiar e agroecológica, fazendo-o de forma afetiva e preocupada com os outros seres humanos e o ambiente em sua integralidade. (jun. 2020).

Os(as) agricultores(as) também avaliam a forma de comercialização como positiva neste momento, mostrando-se contentes com a expansão da feira, a possibilidade de continuar comercializando seus alimentos e com a melhoria na geração da renda das famílias. Garantir a renda e escoamento da produção das famílias camponesas agroecológicas é essencial pensando seu autosustento e resistência com a agroecologia, mas é necessário, e sempre foi prioridade, garantir a segurança de todos(as) envolvidos(as) neste processo, tendo em vista que os diferentes ambientes de trabalho têm sido campo de disseminação da Covid-19, tornando essencial pensar as atividades de trabalho e a prevenção do adoecimento (FIHO et.al, 2020). Remanejar a comercialização de alimentos saudáveis é pensar na saúde na mesa dos(as) consumidores(as) e na saúde das famílias camponesas agroecológicas, tanto na biossegurança, quanto nas consequências materiais e psicológicas do desemprego ou do trabalho precarizado e ausência de renda.

A feira, diferente de outras formas de comercialização, possibilita uma relação próxima entre quem produz e quem consome, essa relação, carregada de afeto, trocas, olhares, cheiros e sabores vindos da terra e de um conhecimento histórico próprio da agroecologia, encontra na pandemia e suas imposições (distanciamento, necessidade de cuidados extras com higiene) um grande empecilho: a impossibilidade de manter esse contato próximo e rico entre os (as) atores/atrizes do cenário agroecológico. Nas palavras de uma dessas atrizes da resistência, a agricultora L. evidência:

Hoje ainda estava conversando com a dona C. né, a gente tava conversando lá e olhando as pessoas tudo de máscara, a gente não encontra uma pessoa sem máscara né, será que um dia vai voltar ao normal isso? A gente vai conseguir olhar o rosto das pessoas de novo? A dona C. respondeu: eu acho que não. Pensei “meu Deus!” (jun. 2020).

OS POVOS R-EXISTEM NA LUTA PELA VIDA: PARA COMBATER O VÍRUS, O ÓDIO E TODAS AS FORMAS DE VIOLÊNCIA DO MODELO DE MORTE DO CAPITALISMO NEOLIBERAL

A história do campo brasileiro é uma história de horror! Fruto da barbárie que o capitalismo baseado na lógica do desenvolvimento desigual e combinado gera no Brasil. A realidade do campo possui profundas raízes na aliança histórica entre a burguesia e os proprietários de terras. Aliança esta que, além de manter uma forma específica de acumulação capitalista no Brasil, produz uma sociedade que deixa o povo jogado à própria sorte e cuja história ainda está por se fazer, como nos lembra Martins (1994). Para Oliveira (2013), a mesma modernidade que edifica metrópoles, industrializa e mundializa a economia nacional, dando caráter internacional à burguesia nacional e consoante com o Desenvolvimento, produz também a violência.

Esta violência, que começa pela exclusão do sujeito, pela privação de ser e de existir à sua maneira, de fazer planos para o porvir e que culmina com a fome e a miséria no campo e na cidade é a marca da nossa sociedade e do Desenvolvimento que os aparatos homogeneizantes têm para ela.

Isso reflete na própria política que os Governos nos níveis estaduais e federal têm para o incentivo à agricultura camponesa, que eles denominam como agricultura familiar. Como se observa nas condições da agricultura familiar (segundo a categoria governamental), não há um investimento massivo do ponto de vista do financiamento pelo Estado. Muitas vezes, as famílias agricultoras se veem obrigadas a fazer associações com integrações agroindustriais para se manterem no campo, tal como as que estimulam produtos como fumo, aves, suínos, leite, erva-mate e outras culturas muito presentes nessa parte do Paraná da qual nos pronunciamos.

Estas reflexões pretendem explicitar o cenário econômico ao qual estão inseridos os agricultores das regiões Sudeste e Centro-Oeste do Paraná e a produção agrícola, com práticas de agricultura agroecológica, e desta forma contextualizar as dificuldades para gerar condições para a sua reprodução social enquanto camponeses ou povos tradicionais.

Em certa medida, como decorrência de prejuízos econômicos, com redução na criação de emprego e renda, causados pela estratégia estadual, no sentido de favorecer regiões mais focadas na agricultura intensiva, os municípios da região buscam estabelecer estratégias compensatórias, a fim de redimensionar as condições destes agricultores.

Tal compensação econômica poderia ser efetivada com formas produtivas alternativas, como a agroecologia, que segundo Michellon et. al. (2018) tem surtido efeito em algumas regiões, mesmo no Estado do Paraná.

Inicialmente, se referindo ao Governo do Estado do Paraná, vale destacar o seu caráter enviesado e dirigido para um foco econômico que privilegia, nas zonas urbanas, a prestação de serviço e o estímulo ao consumo e no campo, o agronegócio baseado estritamente em *commodities* agrícolas, como apontam Viana e Lima (2009) deixando claro o movimento recorrente na opção pelo modelo do desenvolvimento econômico capitalista.

Em dados do extinto Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA) a agricultura familiar tem sido responsável por suprir a falta de alimentos da mesa das famílias, quando produz e distribui a maioria destes produtos, como mandioca, feijão, carnes, leite e milho (BRASIL, 2015). Ainda, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), enquanto que a agricultura camponesa produz 70% do alimento que consumimos e mantém 74% da força de trabalho ocupada no campo, a agricultura capitalista contribui com 30% e 26% respectivamente e recebe 86% dos créditos para a produção agrícola (IBGE, 2006).

No caso das regiões em referência neste trabalho, Sudeste e Centro-Sul, no estado no Paraná, essa possibilidade produtiva, via agricultura familiar, fica prejudicada pela falta de política econômica estadual, mas também pelo aproveitamento oportunista que iniciativas privadas, relacionadas à agroindústria, tem buscado nas unidades agrícolas familiares da região.

A integração agroindustrial, na agricultura e na pecuária, como descreve Fava Neves (2008) está centrada em um sistema produtivo baseado em uma cadeia vertical de produção, tendo no topo a corporação agroindustrial e na base os agricultores familiares.

Tal conjectura, de ausência de políticas públicas e de oportunismo privado na agricultura, aumenta a depressão econômica em última análise, dado que restringe a renda das famílias rurais, já que as propriedades, mesmo que legitimamente outorgadas às famílias, são intensivamente utilizadas pelas integrações agrícolas. A agroindústria extrai a renda da terra do agricultor envolvido para a produção da matéria prima. No caso da região Sudeste do Paraná, as integrações agrícolas focam notadamente na produção de tabaco, que compõe a estratégia do capital via integração das famílias camponesas como reconhecido pelo estudo de Coelho e Fabrini (2014).

Essa pressão econômica provocada na população das microrregiões aqui referenciadas perturba não só os índices econômicos sociais, como já explicitados, mas praticamente inviabiliza a produção das necessidades humanas, por práticas alternativas ao modelo agrícola dominante, tal como a produção de agricultura para autoconsumo, com práticas de agricultura agroecológica, que faz deixar latentes as dificuldades impostas às famílias as quais esse trabalho se refere.

Neste cenário de desigualdades estruturais e com uma intensificação da perda de direitos, se instala, então, a pandemia do Coronavírus. Quando esta pandemia se instala, os conflitos e os desafios enfrentados pela classe trabalhadora no campo e na cidade são multiplicados, pois “[...]Os efeitos da contaminação da COVID-19 [...] se sobrepõem à contaminação manipulatória intrínseca ao funcionamento da sociedade capitalista” (THOMAZ JÚNIOR, 2020, p.1).

Bombardi e Nepomuceno (2020) evidenciam o cruel padrão de urbanização brasileiro que se mostra desigual, segregacionista e nefasto para a saúde humana. Na maior parte dos municípios do Brasil mais de 50% da população não tem seu esgoto coletado. Segundo os autores, no que diz respeito a COVID-19, alguns estudos têm mostrado a persistência do Sars-Cov-2 nas fezes, portanto a distribuição desigual da gravidade da pandemia tem como um potencial multiplicador dos casos de contaminados a falta de coleta de esgoto e de tratamento de água no Brasil.

O contaminante funcionamento da sociedade capitalista, como aponta Thomaz Júnior (2020) é percebido na permanente violência, exploração, subordinação, adoecimento e morte que sempre fizeram parte dos instrumentos de manutenção do capitalismo, quando as estratégias deste passa pela ocultação da causa de seus problemas. Este é o seu mecanismo de funcionamento. O processo de mercantilização até mesmo da suposta cura para o Covid-19, assim como as irresponsáveis medidas governamentais que negam as evidências científicas da necessidade do isolamento social em benefício do mercado e em detrimento da vida dos trabalhadores que são forçados à exposição viral, evidencia um projeto de sociedade que em “suas formas contemporâneas subjuga a vida ao poder da morte (necropolítica)” (MBEMBE, 2016, p. 146).

As repercussões destrutivas do modelo de sociedade, também expresso no modelo hegemônico de agricultura, deixam claras tais relações. Ao instituir o agronegócio como estratégia de desenvolvimento e prioridade nas políticas públicas de agricultura, o Estado

tem promovido um movimento perverso de isolamento e exclusão que alavanca uma lógica semelhante aos pressupostos da necropolítica estabelecidas por Acchille Mbembe, em que o autor discute o poder do Estado no (dê)s equilíbrio entre vida e morte (PEREIRA, 2019).

Priorizar grupos industriais ligados ao agronegócio e avançar com o crescimento da monocultura de lavouras e pecuária extensiva em todo o país acaba reforçando os elos hegemônicos dos detentores do capital em detrimento aos agricultores camponeses ligados à agroecologia, que têm suas possibilidades de emancipação e escolha em torno do processo de vida dificultados por mecanismos de dominação.

A concentração da produção de alimentos imposta pelas grandes corporações do agronegócio escancara seu projeto de morte da natureza e suas gentes antes mesmo da pandemia, através: do uso de agrotóxicos, do desmatamento e da monocultura que envenena e empobrece a biodiversidade; de seu sistema alimentar adoecedor; da concentração de terra que expulsa e destrói e comunidades camponesas, indígenas e quilombolas; e da superexploração do trabalho no campo e na cidade.

E, durante a pandemia, faz-se necessário destacar que o discurso, que supostamente irá explicá-la, oculta a criação de animais em regime industrial como uma de suas causas (RIBEIRO, 2020a).

A verdadeira fábrica sistemática de novos vírus e bactérias que são transmitidos a humanos é a criação de animais em regime industrial, principalmente aves, porcos e vacas. Mais de 70% dos antibióticos em escala global são utilizados para engorda ou prevenção de infecções em animais não doentes, o que produziu um grave problema de resistência aos antibióticos, também para humanos. A OMS fez um chamado, em 2017, para que as indústrias da agropecuária, piscicultura e alimentar deixem de utilizar antibióticos sistematicamente para estimular o crescimento de animais saudáveis.

A esse caldo, as grandes corporações agropecuárias e alimentares ainda adicionam ainda doses regulares de antivirais e agrotóxicos dentro das mesmas instalações. No entanto, é mais fácil e conveniente apontar uma meia dúzia de morcegos ou civetas - que tiveram seu habitat destruídos - do que questionar essas fábricas de doenças humanas ou animais. (RIBEIRO, 2020a, p. 1).

Vale acrescentar a cartografia¹⁵ que relaciona os casos da Covid-19 com os municípios que mais concentram frigoríficos no sul do país. Conforme a publicação do portal do IFSP

15 Produzida pelos pesquisadores Fernando Mendonça Heck, professor do IFSP no Câmpus Tupã, e Lindberg Nascimento Júnior, da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Cf. em <<https://www.ifsp.edu.br/o-que-e-rss/17-ultimas-noticias/1488-pesquisadores-do-ifsp-e-ufsc-encontram-relacao-entre-casos-da-covid-19-e-as-condicoes-de-trabalho-no-setor-de-frigorificos>>.

(2020, p. 1): “Os resultados encontrados demonstram que, no interior dos estados dessa região, a presença marcante da atividade econômica de abate de aves e suínos indica semelhança quando relacionada aos casos da Covid-19”.

Ribeiro (2020a; 2020b), também aponta que, além da criação industrial e extensiva de animais e do contexto geral da agricultura industrial, há uma terceira causa que colabora para a produção de todos os vírus infecciosos que se propagaram mundialmente nas últimas décadas: trata-se do crescimento descontrolado da mancha urbana e das indústrias que a alimentam e que por ela subsistem.

Como vemos, as formas de produção do modelo de agricultura químico-dependente e as relações de trabalho relacionadas a ela, são regidas por mecanismos que desrespeitam a vida dos trabalhadores e da natureza.

Ou seja, esses expedientes genética e historicamente vinculados à valorização do capital, à criação de mais dinheiro, mais lucro; ligam-se a extração de trabalho não pago, fragilizando a reprodução dos trabalhadores, destruindo forças produtivas e o meio ambiente. Se não bastassem essas mudanças intrínsecas às formas de produção, as relações de trabalho a elas vinculadas, o desrespeito aos direitos e à vida dos trabalhadores, também atingem intensamente sua identidade social e política. (THOMAZ JÚNIOR, 2020, p. 1).

Apesar da incapacidade do modelo do capitalismo neoliberal e do desgoverno brasileiro que se posiciona longe de solucionar as demandas emergentes surgidas com a pandemia, no meio de diferentes ofensivas há o florescimento de resistências que surgem do próprio povo. Historicamente a classe trabalhadora sempre se socorreu, sempre resistiu e nesse momento no qual a opção por um modelo de morte se evidencia, a resistência e luta pela vida ganha reforço no intento de que a vida siga.

A opção das famílias camponesas organizadas nos movimentos sociais sempre foi clara. Historicamente elas anunciam que sua práxis gira não apenas em torno de um modelo de agricultura, mas da necessidade de junto a isso construir outro modelo, um projeto popular de sociedade. Por conta disso, diante da intensificação da situação de marginalização da classe trabalhadora, são os trabalhadores familiares que uma vez mais socializam os frutos do seu trabalho com toneladas de alimentos doados. São várias iniciativas em todo o estado do Paraná, como destacamos na sequência.

Pequenos agricultores, atingidos por barragens e camponeses do MST no Paraná, garantiram o acesso à alimentação saudável a milhares de famílias em situação de

vulnerabilidade nas áreas periféricas das cidades, comunidades indígenas, instituições e hospitais, através da doação de 350 toneladas de alimentos entre grãos, tubérculos, frutas, legumes, verduras, mel e derivados de leite. Até o dia 2 de julho de 2020, em Curitiba, capital paranaense, também foram produzidas e distribuídas cerca de 8.800 marmitas às pessoas em situação de rua, moradores da periferia e entregadores por aplicativos, além de 800 máscaras de tecido (BRASIL DE FATO, 2020). Em análise desta campanha de solidariedade, o geógrafo Djoni Ross (2020), aponta que é:

Importante registrar que tal acolhimento é realizado a partir do fruto do trabalho destes agricultores, daquilo que eles produziram para alimentar suas famílias. Porém, com a clareza de seu papel social, partilham o bem mais precioso que possuem, o alimento. (ROOS, 2020, p.1).

O projeto popular de sociedade tem apontado ao menos duas grandes propostas: a retomada do Programa de Aquisição de Alimentos (PAA), centrada na adoção das modalidades “Compra Direta” e “Formação de Estoque” e o Plano Emergencial de Reforma Agrária. É importante apontar que o Plano Emergencial é uma resposta do MST à crise sanitária e econômica, na perspectiva de construir um projeto de combate efetivo ao COVID-19, de atenção às famílias camponesas e para o desenvolvimento da sociedade em geral. Ambas propostas denunciam as mazelas e os fracassos do projeto capitalista e anunciam que terra, trabalho e soberania alimentar são possíveis se houver ação articulada do Estado brasileiro com as organizações de segmentos da sociedade. Para Roos (2020, p.1), a reforma agrária tem “a capacidade de promover rapidamente o abastecimento das cidades de alimentos saudáveis, gerar empregos, movimentar o comércio, garantir renda e condições de vida dignas a sociedade brasileira”. O pesquisador defende ainda que:

A ameaça à vida está consolidada no Brasil muito antes da disseminação do novo Coronavírus. Ela não é de ordem sanitária. É política, em vista de um degenerado sistema institucionalizado de grilagem e descumprimento da função social da terra alicerçado na violência e expulsão dos povos do campo. Os camponeses, indígenas, comunidades tradicionais e todos os que precisam viver e trabalhar no campo são testemunhas da histórica opressão sofrida. (ROOS, 2020, p. 1).

Também em Irati, ações articuladas por movimentos sociais, universidades e por órgãos municipais criam alternativas de enfrentamento às demandas surgidas entre a população.

Nossas ações de solidariedade estão para além de doações de alimentos, contribuimos também politicamente através do trabalho de base apontando as desigualdades que se escancaram nesse período de pandemia

com o objetivo de mostrar as pessoas seu papel de protagonista na luta contra as injustiças sociais. Além disso, estamos ajudando com o cadastramento do auxílio emergencial, acompanhamento psicológico e doações de máscaras. (PERIFERIA VIVA/Irati, 2020).

As Figuras 5 e 6 ilustram, respectivamente, a campanha *Rede de Solidariedade e Cuidado* coordenada pelo programa de extensão “Central de Apoio e Integração de Projetos e Ações Coletivas” (UNICENTRO) e a campanha *Periferia Viva*, que é uma iniciativa do Levante Popular da Juventude e MST. Ambas campanhas também contribuem para a solidariedade entre campo e cidade, uma vez que os alimentos doados à população urbana de Irati, são oriundos da produção das famílias agricultoras do projeto Feira Agroecológica, aqui tratado.

Figura 5 – Momento de doação da campanha *Rede de Solidariedade e Cuidado* no espaço Centro de Referência de Assistência Social (CRAS)/Lagoa, Irati.



Foto: Felipe Camargo.

Figura 6 – Entrega de alimentos agroecológicos pela Campanha Periferia Viva em Irati



Foto: Matheus Ribeiro

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“A pandemia, nos leva, portanto, à oportunidade de pensarmos qual projeto de nação e de sociedade queremos.

Imediatamente, a questão que se impõe é a seguinte: com qual projeto vamos enfrentar a pandemia? Com um projeto que olhe de frente as nossas vulnerabilidades ou aquele, em curso, que deixa morrer uma parte da população, notadamente, a mais pobre?” (BOMBARDI, NEPOMUCENO, 2020, p. 2).

O projeto de sociedade cujas reformas atuais já tratavam de afetar incisivamente a população historicamente mais vulnerável, tem base no modelo de agricultura químico-dependente que o agronegócio fomenta, articulado com a necropolítica na qual o capitalismo neoliberal se sustenta. A lógica da colonialidade, das desigualdades socioeconômicas, da concentração de terras, das injustiças sociais, ambientais e cognitivas, da mercantilização e destruição da natureza, da desumanização dos trabalhadores, do racismo e do machismo, tudo isso, em vez de solucionar as emergências surgidas no contexto da pandemia, intensifica ações de morte e abandono da classe trabalhadora ao negar-lhe as condições para assegurar sua vida e saúde.

Já o projeto popular a favor da vida, denuncia as mazelas e os fracassos do sistema capitalista e anuncia que terra, trabalho e soberania alimentar são possíveis se houver reforma agrária e implementação de um conjunto de políticas possíveis, necessárias e efetivas. Cabe acrescentar que a necessária taxaço de grandes fortunas também pode contribuir para diminuir o abismo das desigualdades sociais, assim como o fortalecimento dos direitos dos trabalhadores, o acesso à cultura, saúde e educação para viabilizar um outro modelo de relações, organização e existência enquanto sociedade.

Dentro deste projeto popular e a partir da experiência relatada no presente texto, destacamos que a agricultura camponesa e agroecológica ao reinventar-se também em tempos de pandemia, se soma às r-existências sociais. Cabe destacar, que esta r-existência não se restringe a um utópico projeto a ser construído. Essa r-existência já está ocorrendo hoje.

As famílias camponesas e tradicionais resistem ao considerarem, a partir dos princípios agroecológicos, que a natureza é bem comum: a água, terra, animais e biodiversidade são consideradas e respeitadas no processo de produção. Elas r-existem também porque as novas estratégias de comercialização criadas nessa conjuntura de isolamento social, permanecem sendo orientadas por relações que têm o valor de uso

(alimento que é comida de verdade) e a venda direta ao consumidor via circuito curto de mercado como fundamentos. As alternativas em nada se assemelham aos serviços de entrega de alimentos como acontece nos aplicativos de delivery.

No que diz respeito às relações de trabalho, se afasta da lógica capitalista seja pela luta para manter a autonomia das famílias camponesas, como por, no momento da comercialização, não submeter sua produção ao novo tipo de superexploração “cyberizada de servidão por dívida” (THOMAZ JÚNIOR, 2020), isto é, a orla de trabalhadores sem nenhum vínculo empregatício e sistema de proteção à saúde, condições nas quais são submetidos nesse tipo de plataformas e aplicativos. Em todo o processo, trata-se de reinvenção da resistência e de sua ressignificação, pois o alimento oferecido não é mercadoria fetichizada, é sano, nutritivo e produzido dentro de uma lógica de respeito à biodiversidade, aos produtores e consumidores, e busca integrar natureza e sociedade, defendendo a soberania alimentar, a saúde, a terra, o trabalho e a vida.

REFERÊNCIAS

ALTIERI, M. A.; NICHOLLS, C. I. La Agroecología en tiempos del COVID-19. In: **Conselho Latino-americano de Ciências Sociais**, 2020. Disponível em: <https://www.clacso.org/la-agroecologia-en-tiempos-del-covid-19/>. Acesso em: 25 abr. 2020.

BOMBARDI, L; NEPOMUCENO P. Covid 19, desigualdade social e tragédia ambiental no Brasil. **Le Monde Diplomatique**, 2020. Disponível em: <https://diplomatique.org.br/covid-19-desigualdade-social-e-tragedia-no-brasil>. Acesso em: 03 jun. 2020

BRASIL. **Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA)**. Agricultura familiar produz 70% dos alimentos consumidos por brasileiro (2015). Disponível em: <http://www.brasil.gov.br/economia-e-emprego/2015/07/agricultura-familiar-produz-70-dos-alimentos-consumidos-por-brasileiro>. Acesso em: 11 jun, 2020.

BRASIL DE FATO. Famílias do MST celebram Dia da Agricultura Familiar com partilha de alimentos no PR. In: **Brasil de Fato**. Disponível em: <https://www.brasilefatopr.com.br/2020/07/27/familias-do-mst-celebram-dia-da-agricultura-familiar-com-partilha-de-alimentos-no-pr>. Acesso em: 30 jul. 2020.

COELHO, Douglas Cristian; FABRINI, João Edmilson. Produção de subsistência e autoconsumo no contexto de expansão do agronegócio. **Revista NERA**, Presidente Prudente, v. 17, n. 25, p. 71-87, dez. 2014. Disponível em: <https://revista.fct.unesp.br/index.php/nera/article/view/2812> . Acesso em 09 jun. 2020.

DAVIS, Mike; HARVEY, David; BIHR, Alain; ZIBECHI, Raúl; BADIOU, Alain; ŽIŽEK, Slavoj. **Coronavírus e a luta de classes**. Terra sem Amos: Brasil, 2020. Disponível em: <http://www.ensp.fiocruz.br/portal-ensp/informe/site/materia/detalhe/48868>. Acesso em: 20 mai. 2020.

FAVA NEVES, Marcos. Método para planejamento de gestão estratégica de sistemas agroindustriais (GESis). **Revista de Administração – RAUSP**, São Paulo, v. 43, n. 04. Out/Dez. 2008.

FIHO, J. M. J. et. al. A saúde do trabalhador e o enfrentamento da COVID-19. **Revista Brasileira de Saúde Ocupacional**, São Paulo, v.45, n.14, 2020. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0303-76572020000100100&lng=en&nrm=is . Acesso em 10 jun 2020.

IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). **Censo Agropecuário**. Rio de Janeiro: IBGE, 2006.

IFSP. **Encontrada relação entre casos da Covid-19 e trabalho em frigoríficos**. Disponível em: <https://www.ifsp.edu.br/o-que-e-rss/17-ultimas-noticias/1488-pesquisadores-do-ifsp-e-ufsc-encontram-relacao-entre-casos-da-covid-19-e-as-condicoes-de-trabalho-no-setor-de-frigorificos>. Acesso em: 29 mai. 2020.

MARTINS, J. S. **O Poder do Atraso**. São Paulo: Hucitec, 1994.

MICHELLON, Ednaldo et. al. A Rede de Dinamização das Feiras da Agricultura Familiar – REDIFEIRA: O caso da criação da FEPORG – Feira de Produtos Orgânicos de Maringá e Região. **Cadernos de Agroecologia**. Anais do CLAA, X CBA e V SEMDF – v. 13, n. 1, Jul. 2018.

MBEMBE, A. Necropolítica. In: **Revista Arte e Ensaios**, PPGAV/EBA/UFRJ, n. 32, dez. 2016, p. 122 – 151. Disponível em: <https://www.procomum.org/wp-content/uploads/2019/04/necropolitica.pdf> . Acesso 27 maio 2020.

OLIVEIRA, A. U. Barbárie e Modernidade: as transformações no campo e o agronegócio no Brasil. In: STEDILE, J.P. (org.). **A Questão Agrária no Brasil: o debate na década de 2000.** São Paulo: Expressão Popular, 2013. Disponível em: <https://www.agb.org.br/publicacoes/index.php/terralivre/article/view/473> . Acesso em 02 jun. 2020.

PEREIRA, J. M. A teoria da necropolítica e a colonialidade no Brasil contemporâneo. In: **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 25, n. 55, p. 367-371, set./dez. 2019. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832019000300367. Acesso em 11 jun. 2020.

PIMENTEL, Anne Gerald. **Agroecologia: insurgência pela vida.** 2020. 209 f. Tese (Doutorado) - Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, 2020. Disponível em: <https://archivum.grupomarista.org.br/pergamumweb/vinculos/00008c/00008ca6.pdf>. Acesso em: 18 jul. 2020.

PORTO, M. F. No meio da crise civilizatória tem uma pandemia: desvelando vulnerabilidades e potencialidades emancipatórias. **Vigilância Sanitária em Debate: Sociedade, Ciência & Tecnologia**, 2020. Disponível em: <https://visaemdebate.incqs.fiocruz.br/index.php/visaemdebate/article/view/1625>. Acesso em 07 jun, 2020

REDAÇÃO RBA. Coronavírus pode ter surgido do modelo predatório do agronegócio. In: **Rede Brasil Atual.** Disponível em: <https://www.redebrasilatual.com.br/ambiente/2020/04/coronavirus-agronegocio-modelo-predatorio/>. Acesso em: 10 mai. 2020.

RIBEIRO, S. Coronavírus, agronegócio e estado de exceção. In: **Brasil de Fato.** Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2020/03/02/artigo-coronavirus-agronegocio-e-estado-de-excecao-por-silvia-ribeiro>. Acesso em: 02 mar. 2020a.

RIBEIRO, S. Os latifundiários da pandemia. In: **Brasil de Fato.** Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2020/04/01/artigo-os-latifundiarios-da-pandemia-por-silvia-ribeiro>. Acesso em: 02 abr. 2020b.

ROOS, D. Reforma Agrária já! Solidariedade e enfrentamento à pandemia estrutural. In: **Movimento dos Trabalhadores Sem Terra.** Disponível em: <https://mst.org.br/2020/06/09/artigoreforma-agraria-ja-solidariedade-e-enfrentamento-a>

pandemia-
estrutural/?fbclid=IwAR1j5PgDqMfpAoioY_zzkwgc6NCj28WxBnn2DWeMU7gDyu39ml
HcFc5ncQE. Acesso em: 9 jun. 2020.

THOMAZ JÚNIOR, A. O pior está porvírus: em defesa da classe trabalhadora para além da
pandemia da COVID-19. In: **Observatório do Trabalho István Mészáros (OTIM)**.
Disponível em: [http://otim.fct.unesp.br/o-pior-esta-porvirus-em-defesa-da-classe-
trabalhadora-para-alem-da-pandemia-da-covid-19/](http://otim.fct.unesp.br/o-pior-esta-porvirus-em-defesa-da-classe-trabalhadora-para-alem-da-pandemia-da-covid-19/). Acesso em: 05 jun. 2020.

VIANA, Giomar e LIMA, Jandir Ferrera. Capital humano e crescimento econômico: o caso
da economia paranaense no início do século XXI. **Revista Paranaense de
Desenvolvimento**, Curitiba, n. 116, p.139-167, Jan/Jun. 2009. Disponível em:
[https://www.researchgate.net/publication/279443506_Capital_humano_e_crescimento_e
conomico_o_caso_da_economia_paranaense_no_inicio_do_seculo_XXI](https://www.researchgate.net/publication/279443506_Capital_humano_e_crescimento_economico_o_caso_da_economia_paranaense_no_inicio_do_seculo_XXI). Acesso em 01
jun. 2020.

Submetido em julho de 2020

Aceito em Outubro de 2020